

A TECNOLOGIA COMO OBJETO DE DISCUSSÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA GERAÇÃO Z

Seila Mello dos Santos¹

Daniel Fernando Carossi²

RESUMO: É indiscutível que a tecnologia se tornou cotidiana nas relações contemporâneas, e a Geração Z, também chamada de Centennials ou IGen, são protagonistas dessa revolução tecnológica. Os nascidos a partir de 1996 são/serão maioria dos agentes diretos das decisões globais, políticas, econômicas e sociais, por essa razão se faz necessário compreender quais os pilares da sua formação humana, além de sua “persona”. Os métodos de aprendizagem tradicionais, na sua maioria, há tempos não são compatíveis com os interesses dos nativos digitais. É imprescindível compreender seu olhar sobre o mundo, assegurando a interação do aprendiz com a tecnologia sob diversos prismas, em todas as etapas do processo de aprendizagem, convergindo para uma formação humana, prudente e consciente do seu papel na sociedade. Por meio da aplicação de questionário e pesquisa bibliográfica, o estudo objetivou investigar os hábitos tecnológicos dessa geração e identificar as forças e fragilidades dessa inter-relação. No decorrer do estudo verificamos que há dificuldades e conflitos de adaptação, também percebemos um acesso fácil e irrestrito a todo o tipo de informação, porém, sem o discernimento necessário para selecionar os assuntos e fontes que irão colaborar de forma assertiva com a sua formação. Constatamos que essa tecnologia, que está entranhada na rotina dessa geração, necessita, estar entre os temas de estudo e debate, nos mais diversos formatos e ambientes coletivos, sendo imprescindível compreender suas implicações éticas e sociais na formação do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Geração Z. Tecnologia. Educação.

¹ Pós-graduanda em Tecnologias para Educação Profissional, Graduada em Direito, mellosantos.13@gmail.com

² Mestre em Sistemas de Informação, daniel.carossi@ifsc.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura social, é inegável que os avanços da ciência e tecnologia, o aumento da expectativa de vida da população, as demandas da sociedade por energias renováveis e sustentabilidade, causaram impactos importantes no *modus operandi* global. As necessidades cotidianas se multiplicam exigindo cada vez mais disponibilidade, tempo, inteligência emocional e planejamento. Precisamos realizar mais ações, estar em mais lugares, administrar mais demandas do nosso dia a dia. É nesse contexto que a tecnologia surge como expoente da nossa rotina, nos permitindo armazenar mais informações, encurtar distâncias, ganhar tempo e otimizar nossas ações cotidianas.

Atualmente a geração mais conectada e dependente da tecnologia são os IGen, Geração Z ou ainda Centennials, representando 25% da população brasileira, conforme dados publicados pelo IBGE em 2018.

Os IGen, Geração Z ou Centennials têm características próprias. Nasceram durante o advento da internet e já não conseguem se imaginar vivendo num mundo onde todas as coisas não estejam conectadas num ambiente online e com troca de informações em tempo real, pertencem a uma geração hipercognitiva, capaz de viver múltiplas realidades, presenciais e digitais, é evidente sua relação com a internet, tecnologia e redes sociais.

Consequentemente necessitam menos dos pais e professores para obter informações, entretanto ainda demonstram vulnerabilidades no que se refere ao acesso indiscriminado aos conteúdos disponíveis.

As compras, as leituras, as informações que essas pessoas recebem, é diretamente proporcional à sua conectividade, entretanto, as metodologias de ensino que são apresentadas para essa geração, são ainda em sua maioria expositivas, despertando pouco interesse, e explorando de maneira ínfima o potencial de aprendizagem desses jovens.

Essa geração não tem medo de usar a tecnologia, afinal faz parte do seu meio ambiente, sua conexão com os recursos tecnológicos é muito real e material.

Sobre essa interação entre os jovens e a tecnologia Moran (2015, p.16) aponta que “o que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital.”

Nesse contexto justifica-se a necessidade de trazer ao debate: **A importância da tecnologia como objeto de discussão no processo de aprendizagem na Geração Z.**

Essa pesquisa teve como tema central a análise do comportamento de jovens nascidos entre 1996 a 2007 (Geração Z), e sua relação com a tecnologia no seu cotidiano. O objetivo foi analisar resultados de pesquisa de campo e bibliografias que reflitam o comportamento dos centennials no que se refere a utilização das TICs, atribuindo a devida importância da tecnologia se apresentar como objeto de discussão no processo de aprendizagem.

Os objetivos específicos são:

- Diagnosticar a prática/utilização da tecnologia pela Geração Z, por meio de pesquisa de campo e estudos já realizados.
- Descrever as atividades e interesses no âmbito tecnológico e social, a partir da pesquisa de campo.
- Comparar os resultados da pesquisa com estudos já realizados buscando compreender a influência da tecnologia às atividades cotidianas bem como na formação do indivíduo.

Dessa maneira coube analisar como a Geração Z (dentre os personagens pesquisados) se relaciona com a tecnologia e com seus pares sociais.

Diante das adversidades da contemporaneidade, e com o peremptório advento da tecnologia um fator que nos cabe evidenciar nesta pesquisa é a velocidade em que se apresentam as informações e recursos tecnológicos para a sociedade, principalmente entre os jovens.

Analisando pelo viés prático a tecnologia facilitou quase a totalidade das atividades cotidianas, trabalho, estudos, capacidade de interagir com pessoas ou grupos sociais mesmo que a longas distâncias, entretanto pouco é utilizada na

educação/formação humanista, que atualmente tem sido apresentada por alguns autores como um novo arquétipo da Educação. A razão da necessidade do presente estudo se dá no momento que verificamos que as metodologias aplicadas na educação exploram de maneira ínfima, tanto as capacidades cognitivas do aprendiz quanto às inúmeras possibilidades que os recursos tecnológicos podem possibilitar principalmente no que se refere à formação humana.

Na seqüência do artigo, destacamos o perfil desta geração e o crescimento do acesso a internet, seguido de algumas indagações encontradas na literatura acerca de tecnologia, educação e humanidade. Seguindo a ordem são descritos os procedimentos metodológicos e por último, análise dos dados coletados e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Geração Z

Primeiramente se faz necessário entender o conceito atribuído ao termo “Geração Z” que será utilizado no decorrer desse estudo. Na literatura, diversas são as narrativas que se referem ao período da Geração Z, há orientações como Andrade et.al (2012, p. 6) que avaliam que “os nascidos a partir de 1990, sempre estiveram conectados à internet, por meio de e-mail, celulares e de todas as novas mídias que surgem decorrentes da era da informação”. Contudo, entendendo que a tecnologia ainda não é acessível à grande maioria, principalmente nos países em desenvolvimento como no Brasil, a grande parte da doutrina converge, que em razão das consideráveis mudanças sociais globais, o ano de 1995 é o marco inicial da Geração Z.

Ainda no que tange o conceito do termo Geração os autores Feixa e Leccard trazem em seu estudo intitulado “O conceito de geração nas teorias sobre juventude”, uma lógica que se assemelha ao ponto de vista evidenciado neste estudo.

Sociologicamente, portanto, as gerações não surgem da cadência temporal estabelecida por uma sucessão de gerações biológicas. Em

outras palavras: não há padronização do tempo para medir ou prognosticar seu ritmo. Do ponto de vista sociológico, uma geração pode ter dez anos, ou como aconteceu nas sociedades pré-modernas, vários séculos. Pode incluir uma pluralidade de gerações biográficas ou, como na história de muitas sociedades tradicionais, apresentar apenas uma geração sociológica. Elas cessam quando novos e grandes eventos históricos - ou, mais frequentemente, quando lentos e não catastróficos processos econômicos, políticos e de natureza cultural - tornam o sistema anterior e as experiências sociais a ela relacionadas sem significado. (2010, p.191)

Entendemos, portanto, o conceito Geração como um grupo de pessoas que viveram num mesmo momento histórico, presenciando as mesmas transmutações globais e, como seu comportamento é influenciado a partir dessas mudanças.

Neste estudo utilizaram-se como parâmetros os resultados da pesquisa desenvolvida pela Dr^a. Jean M. Twenge, professora de psicologia na Universidade Estadual de San Diego, que coloca:

As diferenças geracionais agora são maiores e influentes do que nunca. [...] Porém, com a disseminação do smartphone, a geração i difere sobretudo na maneira de passar o tempo [...] Se a geração Millennial durar tanto quanto a geração X, o último de nascimento dos millennials então é 1994, o que significa que a geração i começa a partir de 1995 – convenientemente, também no mesmo ano em que a internet nasceu. (2018, p.19).

Twenge, traz no bojo de seu estudo a realidade comportamental de jovens em diversas gerações, a fim de demonstrar os diferentes perfis e personas, e sobretudo compreendendo a melhor forma de comunicação com a Geração Z.

Fazendo uso dessa referência o presente estudo se apoiará nos jovens nascidos a partir do ano 1996 até 2007 e serão levados em consideração os demais contextos sociais dos grupos geracionais, tendo em vista que, questões geográficas, demográficas e econômicas mudam consideravelmente os perfis, mesmo daqueles que nascem num mesmo período cronológico.

2.2 O Consumo da Internet no Brasil

O número de brasileiros que usam a internet continua crescendo, atualmente 70% da população navega pela web, com os mais diversos propósitos, esse percentual equivale a 126,9 milhões de pessoas. No que se refere ao

consumo médio de dados nas redes móveis por smartphone, o Brasil aumentará consideravelmente seus gigabytes, passando de 1 GB , em 2017 para 5 GB por mês até 2022.

Entretanto, esse acesso ao mundo virtual está diretamente ligado à situação social de cada indivíduo. A Rede Mundial de Computadores chega à 75% nos centros urbanos, o smartphone representa 97% dos meios de acesso. A maioria utilizando serviços limitados, ficando assim, restrita à utilização dentro do que a contratação de “pacotes de serviços” permite gratuitamente, e via de regra, restringe-se a aplicativos de comunicação instantânea e redes sociais (Brasil é 2º em ranking de países que passam mais tempo em redes sociais) , e portanto, ficam vulneráveis às informações e o desserviço constante, conforme indica a figura 1.

Figura 1- Dados Demográficos



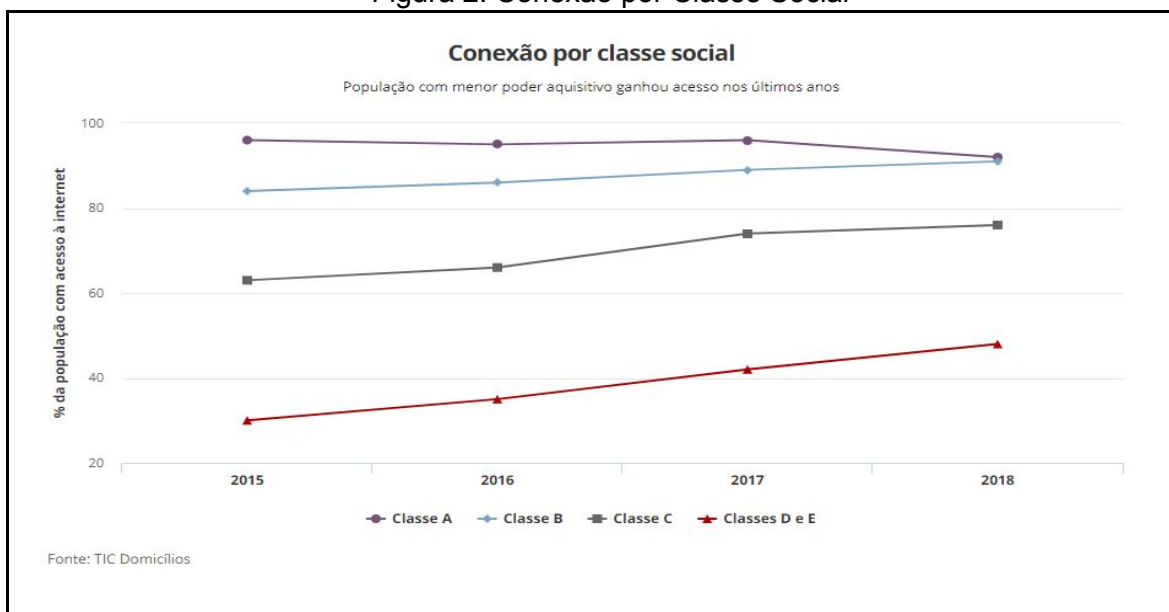
Fonte: GlobalwebIndex, 2019 ³

Se faz necessário observar que a desigualdade social afeta diretamente esses indicadores, se entendermos que o preço do serviço ainda é caro para uma parte significativa da população. O percentual de acesso à rede nas classes A e B é de cerca de 92%, nas classes D e E esse número cai para 48%.

³ Disponível em

<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-pas-sam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>

Figura 2. Conexão por Classe Social



FORNTE: TIC DOMICÍLIOS⁴

Na distribuição etária, os centennials representam 32% dos internautas, uma expressiva representatividade, que justifica sua decisiva participação na organização/conjuntura social. A figura 3 ilustra essa divisão.

Figura- 3 Distribuição Etária



Fonte IBGE elaboração da autora

⁴ Disponível em:

<https://www.google.com/url?q=https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml&sa=D&ust=1582559287522000&usg=AFQjCNG4YdAt8JQJXtXhpjZcaXZmW-7ddg>

2.3 Tecnologia e Educação

Dentre as narrativas que traremos, vamos ao encontro das questões de âmbito educacional o qual é o cerne da presente pesquisa.

O Plano Nacional de Educação 2014-2024 (PNE) traz em seu bojo, diversas metas que objetivam a integração das TIC's ao processo de aprendizagem. Nesse documento encontramos categorias que compreendem a abordagem para o uso das Tecnologias na Educação desde a Formação Docente; Infraestrutura; Tecnologias Educacionais e de Gestão.

A inclusão do aprendiz na cibercultura é fundamental para a formação social, técnica e humana, as ações mais habituais e das mais distintas finalidades como logística, alimentação, cuidados com saúde, compras, religião, bem estar, transações financeiras, formação/qualificação e informação, estão na web nos mais diversos formatos.

Na educação a tecnologia nos é apresentada comumente como meio de ensinar, nesse cenário os recursos digitais podem ser incluídos como apoio no processo de aprendizagem nos mais diversos formatos, desde vídeos, apresentações animadas, games educativos, ou mesmo o conteúdo apresentado de forma gamificada, realidade virtual e aumentada, aplicativos mobile, trilhas de aprendizagem entre tantas outras possibilidades de tornar o conteúdo interessante, resultando em uma aprendizagem assertiva para o nativo digital.

Sobre a eficiência e objetivos dos métodos Moran, assegura que:

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.(2015, p.17)

Contudo, é imprescindível mencionar que a tecnologia ainda que vasta em suas possibilidades é inacessível para a maioria dos jovens em idade escolar, segundo Censo escolar 2018 (Inep) 95% das escolas públicas têm acesso à

internet, mas somente 44% possuem laboratórios de informática para o acesso dos alunos. Na zona rural a situação se agrava, 62% das escolas rurais não possuem computadores para o acesso dos alunos. Para que a inclusão digital ocorra é fundamental democratizar o acesso aos computadores a todos os alunos da rede pública, conforme afirma Freire:

Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas. Não foi por outra razão que, enquanto secretário de educação da cidade de São, fiz chegar à rede das escolas municipais o computador. Ninguém melhor do que meus netos e minhas netas para me falar de sua curiosidade instigada pelos computadores com os quais convivem (2018, p. 85).

Apesar da relevância da questão supramencionada, da necessidade urgente do debate e políticas públicas efetivas, o presente trabalho vai tratar da tecnologia na aprendizagem como lugar de novas práticas de comunicação, entendendo necessário desenvolver essas novas formas comunicativas convidando o aluno para se apropriar desses novos meios e espaços digitais de maneira consciente, crítica e produtiva.

E em razão da imensurável quantidade de conteúdo produzido, reproduzido e compartilhado é de total primazia que a tecnologia entre no processo de aprendizagem também como objeto de discussão. A democratização na internet traz a possibilidade de todos tornarem-se fonte de informação e por essa razão a importância de mais responsabilidade nas práticas virtuais. Quando o aluno passa a ter voz nos espaços digitais é urgente qualificar essa voz sob diversas perspectivas. Precisamos formar indivíduos capazes de compreender os diferentes recursos tecnológicos, e desfrutar das possibilidades, absorvendo as informações com senso crítico, analisando fontes, compreendendo as responsabilidades, discernindo o público do privado, a liberdade de expressão das condutas criminosas, entre tantas outras questões que são essenciais para uma formação humana e autônoma.

Considerando o caráter emancipatório da educação, é urgente incluir de forma consciente o uso das TIC's no processo de aprendizagem do jovens, para que não haja uma geração de excluídos digitais. A tecnologia necessita estar principalmente como protagonista do debate em um ambiente de aprendizagem, é

necessário explorar seu caráter ético, político e social fomentando o senso crítico, amadurecimento e autonomia da Geração Z, tendo em vista o poder de decisão que há sob sua responsabilidade, com consequências de âmbito coletivo.

Nessa ótica, Alencar destaca a importância desse entendimento:

O primeiro elemento para uma práxis tecnológica trata do uso intencional, político da tecnologia. O uso da tecnologia está imbuído de ideologia, não se pode negligenciar isto. Como aparato ideológico, deve ser desconstruído e revisado nas suas “entranhas”. É preciso identificar o que fundamenta práticas e usos tecnológicos, para combatê-las ou mesmo reverter seu uso para as causas a que se defende. E isso é extremamente importante porque até a construção de softwares, páginas da web ou aplicativos são baseados em uma certa concepção de mundo, de homem ou de ensino e aprendizagem. (2005, p. 3)

Importante mencionar também o domínio das ferramentas tecnológicas. Freire em sua obra Cartas à Guiné-Bissau, referencia Harry Braverman e defende que é necessário assimilar o propósito dessa utilização, a razão de ser, não é possível mecanizar as ações e/ou consumo de tecnologia de forma alienada sem associar o resultado a um propósito real, assertivo que conduza à socialização e humanização das relações.

Por essa razão é necessário educar para o uso adequado da tecnologia, bem como para o não uso quando necessário. Nortear o aprendiz no sentido de que a tecnologia não pode substituir a convivência, a contemplação, a coletividade e principalmente a natureza, podendo adequar o tema em diferentes momentos do processo de aprendizagem. Validando essa afirmação, substanciamos nosso trabalho trazendo a fala do Professor Paulo Freire:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (2018, p. 105)

Moacir Gadotti comenta que Freire era adepto ao uso dos recursos tecnológicos disponíveis na época:

Desde o início de seu trabalho pedagógico Paulo Freire preocupou-se em explorar ao máximo o potencial das novas tecnologias da época em favor dos “esfarrapados do mundo” (1968). Foi com esse espírito que, em 1963, importou da Polônia os mais modernos projetores de slides, para utilizar na aplicação prática do seu famoso “Método”. Embora Paulo Freire não tivesse usado nem mesmo uma máquina de escrever, preferindo escrever seus textos à mão, utilizou-se tanto do áudio, do vídeo, do rádio, da televisão e de outros meios eletrônicos para difundir suas ideias e suas utopias. (1999, p. 263)

Levar a tecnologia para o patamar de objeto de pesquisa e debate é parte importante da inclusão digital, e por sua vez é primordial para a inclusão social, Almeida (2009, p. 55) entende a “tecnologia como a humanidade adensada; sua construção é fruto de uma longa série de eventos do mundo do trabalho. Sendo a tecnologia trabalho humano condensado, ela é posse de todos.”

O autor reforça que a tecnologia criada e aperfeiçoada pelo homem para o homem, trata-se portanto de direito coletivo. Sobre esse direito de apropriação da tecnologia Pinto afirma:

Sendo a técnica a forma da ação produtiva humana, racionalizada em virtude de obedecer ao conhecimento das propriedades dos corpos e das forças naturais, no conceito dela não contém nenhuma nota indicando relacionar-se com qualidades excepcionais de indivíduos isolados. Ao contrário, o conceito da técnica mostra que deve ser, por necessidade, patrimônio da espécie. ”(2005, p. 269)

Por fim, entendemos que as TIC’s devem servir de meio para um novo modelo de ensinar e aprender, já a tecnologia como objeto de discussão deve preparar o jovem para a convivência social de forma autônoma, mas acima de tudo humana, na busca constante pela sustentabilidade e erradicação das desigualdades nas suas diversas apresentações.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere a metodologia do trabalho, adotou-se uma abordagem qualitativa apresentada por “uma metodologia de pesquisa não-estruturada, exploratória, baseada em pequenas amostras que proporcionam insights e compreensão do contexto do problema”. Malhotra (2001, p. 155).

É importante destacar a pesquisa não teve um intuito de obter somente números e sim, buscou entender qual o caminho para a tomada de decisão correta sobre o problema apresentado apoiado no método indutivo de Francis Bacon, o qual visa trabalhar com os dados coletados sem a interferência na relação “pesquisador-observador”.

Por fim, para compilação das informações adotou-se o método descritivo e exploratório, proporcionando maior objetividade com o universo do objeto de estudo pesquisado. Sobre esse ponto Gil destaca:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (2002, p. 42)

Para coleta de dados, o estudo envolveu a aplicação de um questionário composto de 16 perguntas abertas e fechadas, disponibilizado por meio da ferramenta de formulário do Google e compartilhadas pelo e-mail dos estudantes, professores e ex-alunos, com propósito de direcionar para o público alvo.

O questionário é apresentado de forma objetiva, anônima com linguagem coloquial, buscando maior fluidez na comunicação com o Igen, proporcionando uma aproximação, todavia sem influenciá-lo ou direcioná-lo na condução de suas reflexões sobre as questões, buscando dessa forma respostas fidedignas e um resultado assertivo, tendo em vista que o presente trabalho busca exatamente avaliar o comportamento genuíno, as ações costumeiras dos jovens centennials no que se refere a utilização da tecnologia.

Na figura 4 apresentamos as 16 questões compartilhadas e respondidas pelos 122 jovens que colaboraram com a pesquisa entre os meses de novembro e dezembro de 2019, buscando a compreensão do comportamento dos chamados Nativos digitais, classificados socialmente como Geração Z (nascidos a partir de 1995) no que se refere à sua relação com a tecnologia cotidiana.

Figura- 4 Perguntas realizadas no questionário

Questionário
Pergunta 01: Você nasceu quando?
Pergunta 02: Sobre as suas atividades cotidianas:
Pergunta 03: Costuma praticar atividade física com que frequência?
Pergunta 04: Sua escolaridade:
Pergunta 05: Você estuda ou estudou na rede pública ou privada?
Pergunta 06: Costuma acessar a internet com que frequência?
Pergunta 07: Você acessa a internet para:
Pergunta 08: Quantas horas do dia você (acha que) fica conectado?
Pergunta 09: Quais os meios que você mais utiliza para acessar a internet:
Pergunta 10: Para se conectar a internet você utiliza:
Pergunta 11: O que você mais acessa/ consome na internet ?
Pergunta 12: De todas essas mesmas opções, quais as 3 (três) que você considera mais importante na sua rotina:
Pergunta 13: Analisando sua rotina diária, você acredita que passa mais tempo "conectado" (utilizando celular, computador, notebook, tablet, outros), ou mais tempo conversando "fisicamente" com família e amigos?
Pergunta 14: As informações que você recebe na web/internet influenciam nas suas decisões?
Pergunta 15: Você costuma dar atenção a fonte das informações que recebe na web/internet?
Pergunta 16: Como você se considera, nesse momento da sua vida?

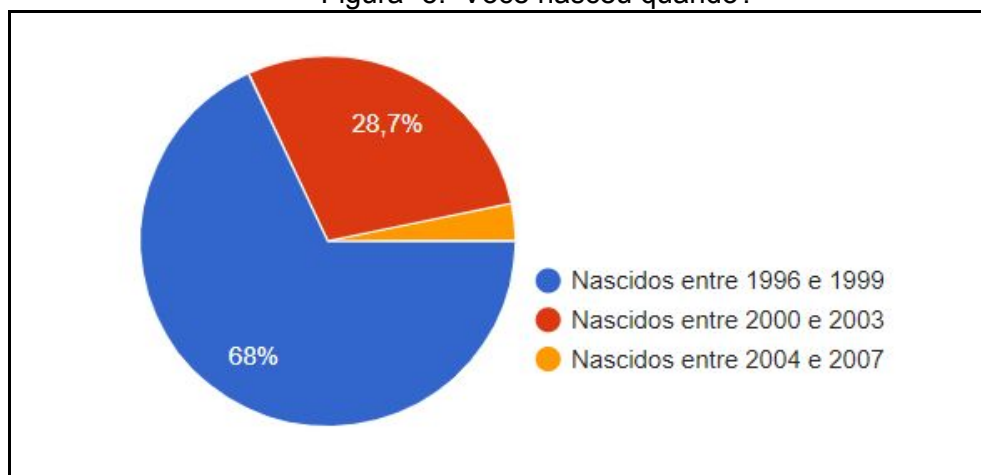
Fonte: Elaboração da autora.

Além da pesquisa de campo, o presente estudo também se atentou para bibliografias e materiais disponíveis em sítios eletrônicos acerca do tema. A principal referência bibliográfica utilizada como parâmetro para o resultado da coleta dados, como mencionado anteriormente, trata-se da obra IGen: Por que as crianças superconectadas estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes - e completamente despreparadas para a vida adulta, da Dra. Jean M. Twenge, professora de psicologia na Universidade Estadual de San Diego, que tem como foco de estudo as gerações e seus padrões comportamentais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse momento passamos a apresentação e análise dos resultados da pesquisa realizada. Num primeiro momento julgamos importante apresentar o perfil dos participantes do referido estudo. Dos 122 jovens que responderam o questionário, 96% têm entre 17 e 24 anos como demonstra a figura 5.

Figura- 5: Você nasceu quando?



Fonte: Elaboração da autora.

Apesar da Geração Z fazer referência aos indivíduos nascidos entre 1995 e 2010, para a maioria da doutrina, limitamos nossa pesquisa para nascidos entre 1996 e 2007, entendendo que o subgrupo entre 13 e 24 anos, encontra-se ainda mais adstrito à tecnologia. Foram analisados os diferentes momentos, atividades, comportamentos e interesses desses jovens.

Dentre os pesquisados 63,1% são estudantes, o ensino regular (fundamental e médio) somam 48%, graduandos e graduados representam 35,2%, técnicos 12,3%, pós-graduandos 4,1%. Importante ressaltar que 31,1% das 122 respostas que obtivemos já estão inseridos no mercado de trabalho, como estagiários, menores aprendizes, profissionais liberais ou informais, celetistas e até mesmo empreendedores.

O fato é que novamente se justifica a necessidade de tratar do tema em diversos momentos do processo de aprendizagem, adequando as didáticas e ferramentas para cada contexto social, tecnológico e cognitivo. Precisamos pensar

além da educação para a profissão, tendo em vista que estamos educando para profissões ainda sequer criadas, é necessário pensar em formas de humanizar, coletivizar e reaproximar o indivíduo do seu espaço social real, afinal as consequências de suas ações estão diretamente ligadas ao coletivo.

A Pergunta 06 buscou apurar a frequência de acesso a internet dos respondentes da pesquisa. Como podemos observar na figura 6, 98,4% sinalizaram acessar diariamente, sendo que 81% desses acessos ocorrem por meio de smartphones como destaca a figura 7.

Figura- 6: Costuma acessar a internet com que frequência?



Fonte: Elaboração da autora

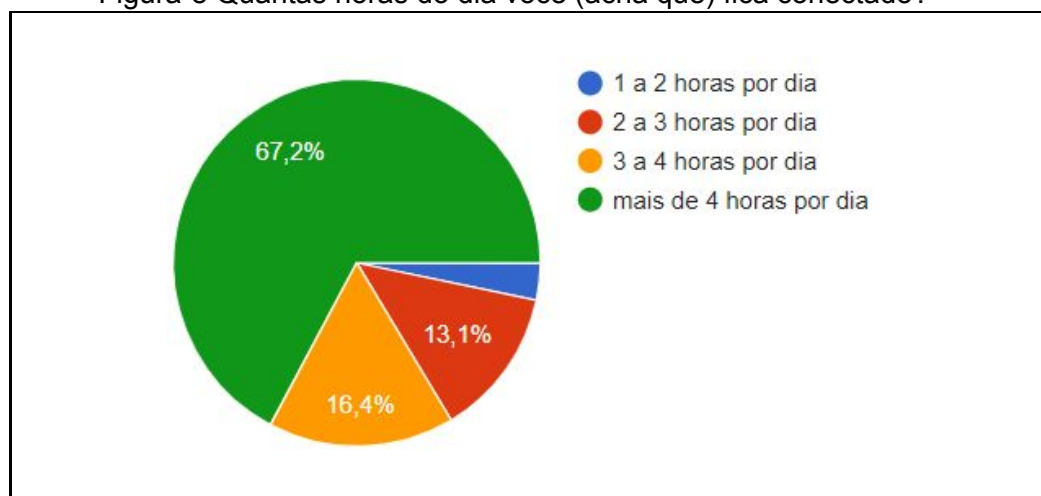
Figura- 7: Quais os meios que você mais utiliza para acessar a internet



Fonte: Elaboração da autora.

Na figura 8, verificamos que 67,2% dos admitem permanecer por mais de 4 horas diárias na web:

Figura-8 Quantas horas do dia você (acha que) fica conectado?



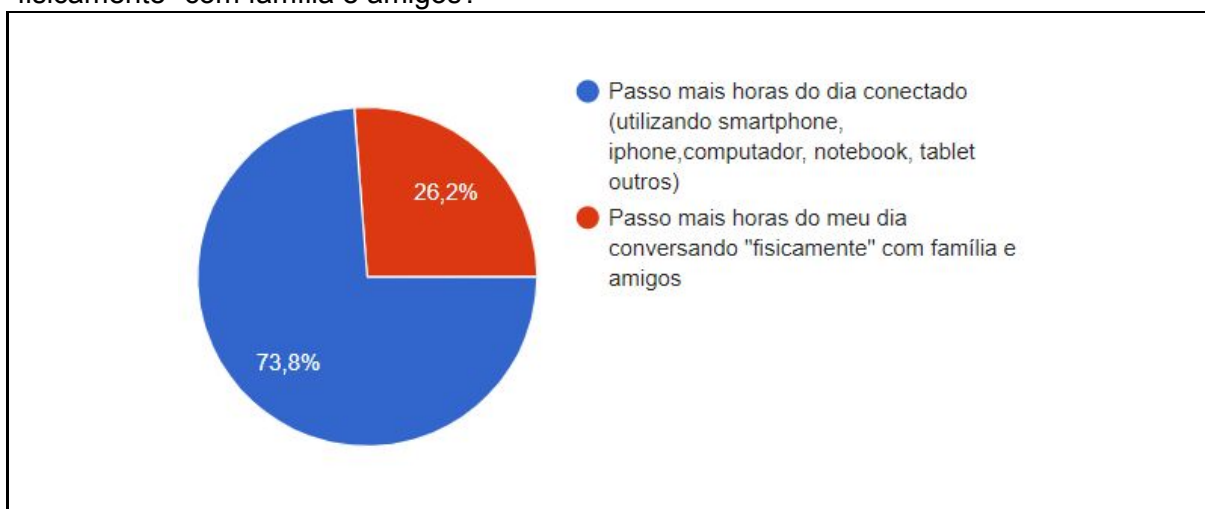
Fonte: Elaboração da autora.

Nessa direção Twenge menciona que em sua pesquisa o tempo estimado também supera as 4 horas diárias:

É óbvio que os adolescentes passam muito tempo com seus celulares – não conversando, porém ocupados com mensagens de texto e jogos, em redes sociais e on-line (os quais são rotulados como “novas mídias”). [...] Segundo a pesquisa mais recente, hoje em dia, os alunos no 3º ano do ensino médio passam em média, 2 horas e 15 minutos por dia digitando mensagens em seus celulares, cerca de duas horas por dia na internet, uma hora e meia por dia com jogos eletrônicos e cerca de meia hora em bate papos com vídeos. Isso totaliza seis horas por dia com novas mídias – e isso só durante o tempo de lazer. [...] Isso varia pouco independentemente da situação familiar; adolescentes mais pobres passam tanto ou mais tempo on-line que os mais ricos. (2018, p. 68-69)

Um dos dados que vem ao encontro do nosso estudo é no que diz respeito ao tempo de conversas realizadas na presença física dos seus pares, seja em âmbito familiar, escolar, profissional ou social e 73,8% dos questionados admitem conversarem mais virtualmente do que presencialmente com as pessoas das suas relações. Isso nos leva a crer que há uma tendência a diminuição do contato físico, do diálogo presente, de compartilhar espaços reais:

Figura-9 Analisando sua rotina diária, você acredita que passa mais tempo “conectado” (utilizando celular, computador, notebook, tablet, outros), ou mais tempo conversando “fisicamente” com família e amigos?



Fonte: Elaboração da autora.

É importante mencionar que novamente os dados da pesquisa encontram-se nas palavras da autora de iGen, também no que trata as relações sociais físicas e sensoriais:

Mudanças tão grandes em tão pouco tempo são incomuns, sugerindo uma causa específica com grande impacto. Os culpados mais prováveis são os smartphones, que aumentam direta e indiretamente a solidão, pois substituem a interação social ao vivo. Com os adolescentes passando menos tempo em atividades que atenuam a solidão, e mais tempo naquelas que só reforçam, não surpreende que a solidão tenha aumentado (2018, p. 118)

O mecanismo é mostrado na obra da autora no seguinte plano:

Figura- 10 Modelo possível para a origem da solidão da iGen



Fonte: iGen (Twenge, 2018)

Ainda sobre a questão da substituição das relações e interações sociais a professora Twenge, traz em seu estudo depoimentos e relatos dos jovens que

participaram da sua pesquisa:

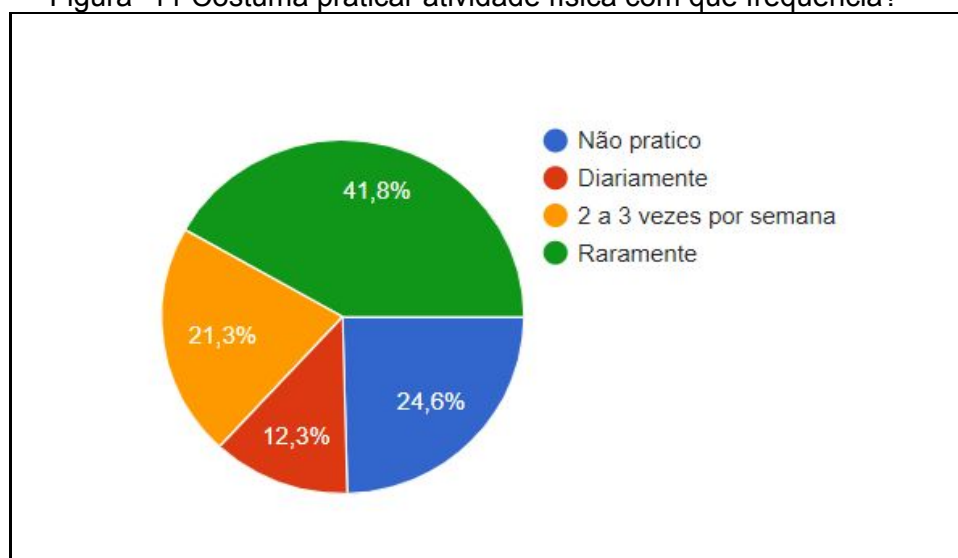
[...] “Acho que a gente fica mais em casa e raramente vai a festas. Minha geração perdeu o interesse em socializar pessoalmente – não tem encontros ao vivo, fica só recebendo e enviando mensagens de texto sem sair de casa”. (2018, p.89)

[...] E a conclusão é evidente: a internet dominou tudo. Os adolescentes estão “instagramando”, “snapchatting” e trocando mais mensagens de texto com os amigos do que os encontrando pessoalmente. Para os centennials, a amizade on-line substituiu a amizade ao vivo. (2018, p.95)

Nesse momento associamos a questão da solidão a outro fator de grande importância no que se refere a saúde da Geração Z, a prática de atividade física.

A figura 11, traz os indicadores acerca da prática de atividade física. Verificamos que as respostas obtidas sinalizam que 66,4% não praticam atividades físicas regularmente, desses 24,6% não pratica nenhuma atividade física. As consequências desse sedentarismo estão diretamente interligadas a saúde física e mental e a qualidade de vida desses jovens.

Figura- 11 Costuma praticar atividade física com que frequência?



Fonte: Elaboração da autora.

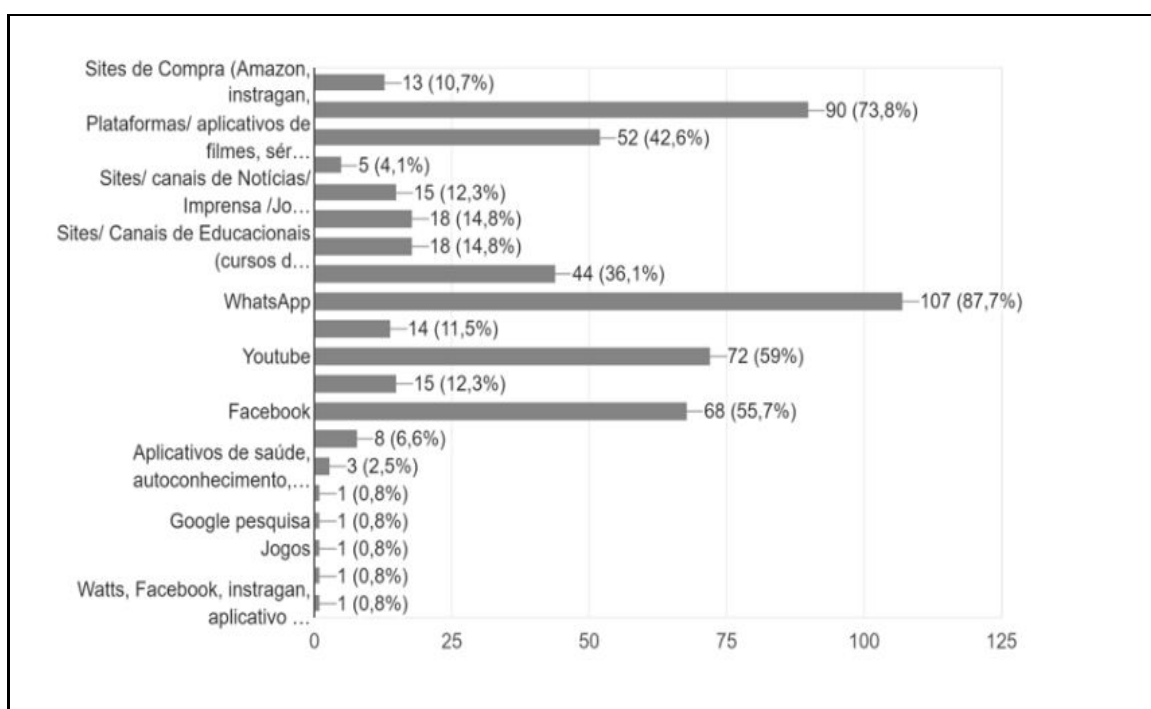
Nesse momento que verificamos a necessidade urgente de orientar a Geração Z da importante necessidade de estar *off-line* em determinados momentos, ou de usar a tecnologia a seu favor como por exemplo os aplicativos de corrida e caminhada, bem estar, incentivando inclusive a gamificação na vida pessoal e

cotidiana, criando desafios e incentivando a superá-los.

Perguntamos também sobre como era o consumo, o que mais era acessado nas mais de 4 horas do dia. Poderiam ser assinaladas até 5 opções. Apesar de sugerimos as respostas, também deixamos a opção “outro” aberta para que apontassem quaisquer outras possibilidades não descrita entre as opções.

Dentre as cinco opções que sugerimos o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp foi o mais acessado 87,7%, seguido das redes sociais Instagram 73% e e Youtube 59%, então o Facebook 55,7% e encerrando com 42,6% consumindo plataforma/streaming de séries e filmes. Como podemos constatar na figura 12 que segue.

Figura - 12 O que você mais acessa/ consome na internet ?



Fonte: Elaboração da autora.

Novamente verificamos o uso limitado dos recursos tecnológicos, se analisado as diversas de possibilidades que lhes é oferecida na web. Prova dessa afirmação é que a pergunta seguinte foi “**De todas essas mesmas opções, quais as 3 (três) que você considera mais importante na sua rotina?**”. E quase na mesma lógica as opções mais mencionadas foram as mesmas com pequenas alterações

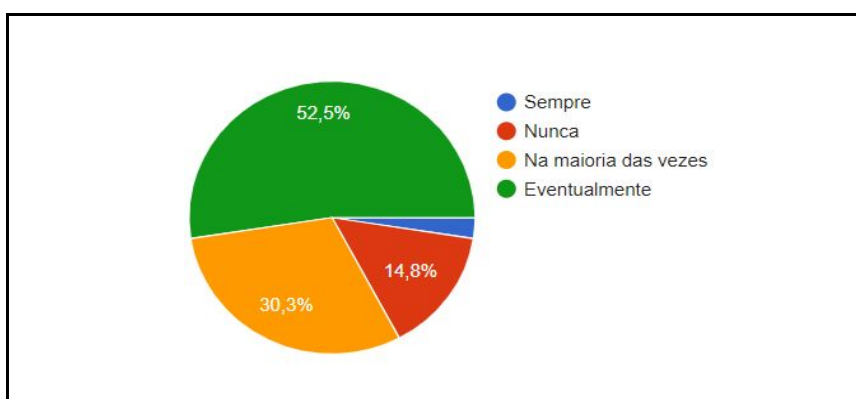
entre si. O WhatsApp foi priorizado dentre as ferramentas mais indispensáveis da rotina com 85,2%, seguido das redes sociais Instagram 43,4 e Facebook 33,6% , num empate quase técnico o Youtube com 30,3%.

Se a informação vem das redes sociais como discernir esse conteúdo? Como detectar se há veracidade? Qual a motivação e a responsabilidade de compartilhar-lho ou não? Quem “seguir”, o que “curtir”, como agir nas redes sociais são ações que necessitam reflexão, autoconhecimento e responsabilidade. O sociólogo e filósofo Bauman defende a ameaça das redes sociais em sua entrevista ao El País em 2016⁵

As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha.(informação verbal)

Ainda por esse viés, questionamos acerca da influência das informações obtidas nas redes sociais na tomada de decisão, mais de 80% afirma que o conteúdo encontrado na web, tem influência nas suas decisões.

Figura 13. As informações que você recebe na web/internet influenciam nas suas decisões?



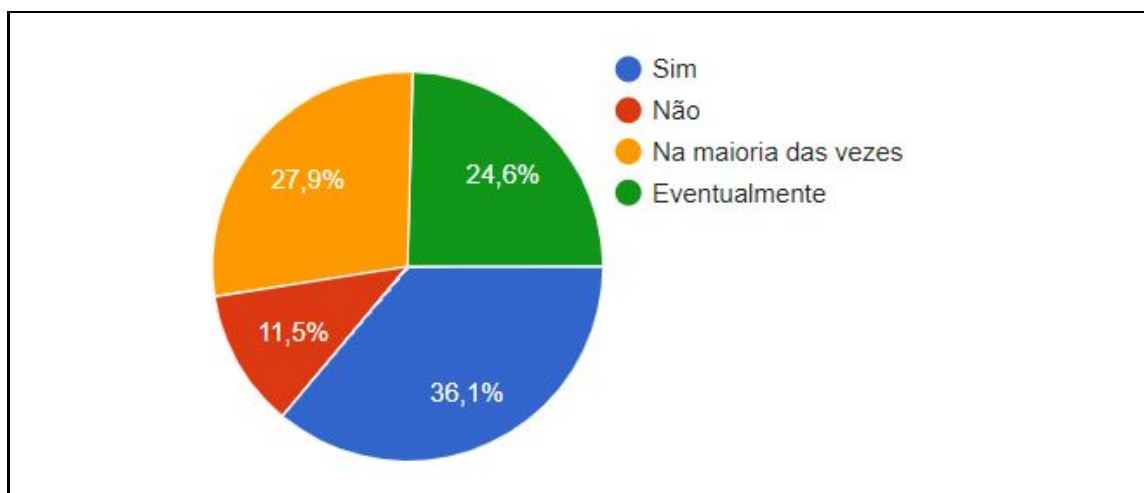
Fonte: Elaboração da autora.

Um fato que ainda preocupa consideravelmente é no que trata das fontes de

⁵ Entrevista concedida por Zygmunt Bauman,. [jan. 2016]. Entrevistador: Ricardo de Querol. Burgos. Espanha 2016. . A entrevista na íntegra encontra-se Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html

informação, 36% aponta não dar a devida atenção para veracidade do conteúdo respondendo 24,6% sinaliza que e “eventualmente” verifica as fontes de informação, e 11,5% menciona “nunca” como resposta, como verificamos na figura 14.

Figura-14 Você costuma dar atenção a fonte das informações que recebe na web/internet?



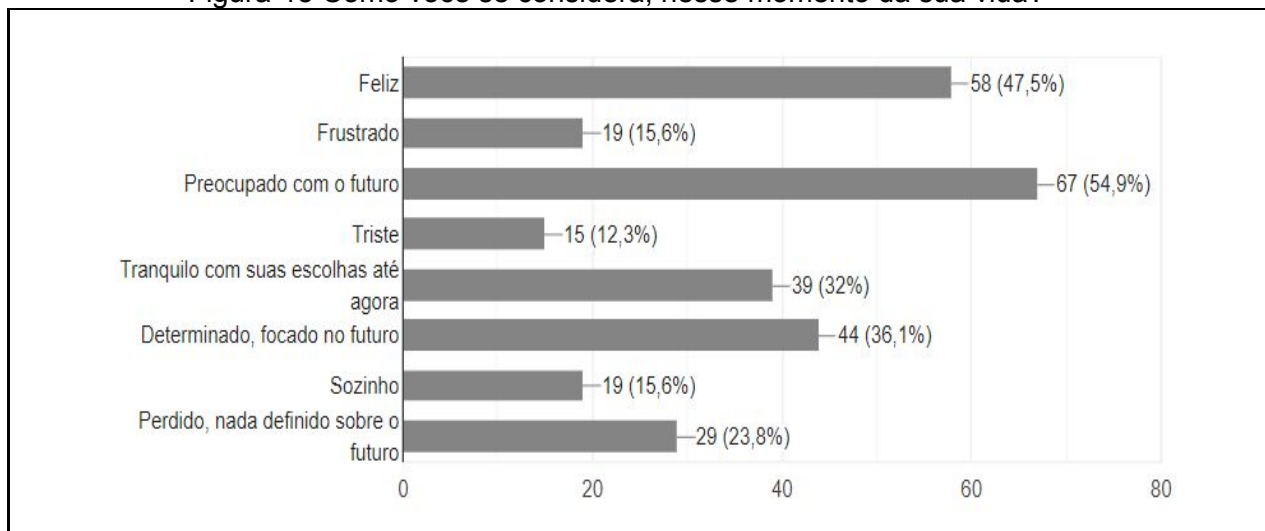
Fonte: Elaboração da autora.

Constata-se novamente a necessidade de compreender a importância e a responsabilidade das ações no mundo digital, precisamos com caráter de urgência oferecer para nossos jovens algo que os desperte para a vida adulta com senso crítico e responsabilidade sobre suas ações, precisamos orientar para além dos aplicativos e redes sociais.

E por fim, perguntamos aos centennials sobre como se sentem, nessa fase na sua vida, como ele percebe-se no meio social. Foi uma questão fechada, podendo ser sinalizadas até 5 (cinco) opções de resposta.

Analisando a figura 15 abaixo, o que chama a atenção são os dados opostos, aos indicados, ou seja o indicador contrário do apresentado. Como exemplo verificamos que 52,5% **não** se consideram felizes, e 27,6% sentem-se tristes e/ou sozinhos e 23,8% se considera “perdido” sobre o seu futuro.

Figura-15 Como você se considera, nesse momento da sua vida?



Fonte: Elaboração da autora.

Todos os demais resultados devem ser levados em consideração, entretanto é necessário avaliar se tantos caminhos tecnológicos sem a devida maturidade e discernimento não estariam direcionando esse jovem ao isolamento ou mesmo para uma bolha social nociva. Validando essa questão novamente trazemos a fala de Bauman, já referenciado neste trabalho:

A questão da identidade foi transformada de algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto. A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo. (informação verbal)

Apesar do pequeno universo pesquisado, o resultado obtido é passível de atenção, pois demonstra que precisamos de uma nova forma de educar e dialogar sobre o uso da tecnologia. Estamos lidando com uma juventude potente, diversificada, com habilidades e competências cognitivas que não são mais compatíveis com os métodos tradicionais de aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos resultados demonstrados no presente estudo, percebemos que é preciso ampliar o debate sobre tecnologia entre esses jovens. Traçar perfis, compreender suas necessidades, buscar métodos de aprendizagem que se adequem à nova realidade social, e as novas competências, habilidades e fragilidades da Geração Z. A Educação necessita ser a ponte para caminhos que vão além da tecnologia, promovendo oportunidades de atividades coletivas junto a comunidade, debates, diálogos, gerando interesse pelo bem estar coletivo.

As possibilidades de educar para o uso da tecnologia são diversas, no ambiente familiar através de diálogos, limitações acerca do uso da tecnologia, monitoramento do comportamento, inclusive virtual.

No âmbito escolar mesmo reconhecendo a falta de estrutura de grande parte, é possível explorar excelentes possibilidades por meio do ensino híbrido, design thinking, inteligência coletiva (cultura da convergência), atividades de extensão junto à comunidade, entre outras diversas alternativas que promovam principalmente a interação entre os jovens, o diálogo e o senso de responsabilidade.

Já no meio corporativo é possível promover entre seus colaboradores da Geração Z, workshops, dinâmicas e debates sobre o uso adequado da tecnologia, incentivando o uso de recursos/aplicativos de qualificação profissional ou pessoal.

E claro, sem isentar o Poder Público que é o responsável pelo bem estar social, e deve ser cobrado quanto a promoção de políticas públicas visando a inclusão digital e social. Estruturando escolas, valorizando e qualificando professores, criando espaços públicos para convivência e socialização dessa juventude, promovendo cultura e cidadania.

. Em tempos de cibercultura o que precisamos realmente são atividade voltadas ao senso coletivo, que canalizem essas potencialidades e promovam através de suas ações uma cultura de respeito, de coletividade e sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Anderson Fernandes. O pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia: Traçando novas perspectivas. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL

PAULO FREIRE. 2005, Recife. Disponível em: <http://seminario-paulofreire.pbworks.com/w/file/fetch/11816006/texto_pensamentofreire_sobretecnologia_pdf.pdf>. Acesso em 17 dez. 2019

ALMEIDA, F. J. Paulo Freire. Coleção Folha Explica, v. 81, São Paulo: Publifolha, 2009.

ANDRADE, Irani Salete de et al. (2012). Conflito de gerações no ambiente de trabalho: um estudo em empresa pública. Anais do 9º Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. SEGet, 2012. Resende, RJ, Brasil.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

Brasil é 2º em ranking de países que passam mais tempo em redes sociais. Revista Época Negócios/ BBC News. São Paulo, ano 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>. Acesso em: 12 de dez. 2019.

BACON, Francis. Novun Organun: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza, 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/norganum.html>>. Acesso 29 jan. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. As redes sociais são uma armadilha. El País Cultura. Madrid. Jan 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 20 jan 2020.

CETIC.BR - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - Disponível em: <https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2019/10/tic_dom_2018.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: 2018. disponível em:<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados>

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. Revista Sociedade e Estado - V.25 n. 2 p. 185-204 maio / agosto 2010

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. O ciberespaço da formação continuada. Educação a Distância com base na Internet. São Paulo: IPF, 1999.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 4º. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>>. Acesso em: 20 Out. 2019

LAVADO, Thiago. Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada. G1 Economia, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>>. Acesso em: 13 out. 2019.

MALHOTRA, N. Pesquisa de marketing. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MAURER, A. L. As gerações Y e Z e suas âncoras de carreira: contribuições para a gestão estratégica de operações. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) Universidade de Santa Cruz) Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em:<<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/554/1/AndreMaurer.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Paraná, V. 2 p. 15-33. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

_____ Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica, Papyrus, 21ª ed, 2013, p. 36-46.

_____ Educação Humanista Inovadora. Disponível em: Acesso em: 01 nov. 2014.

PINTO, A. V. O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, 2v.

SAHB, Warley Ferreira; ALMEIDA, Fernando José de. Tecnologia como Direito: as TDIC e o desafio da educação escolar. Revista Científica Comunicações São Paulo. v. 23 n. 2 p. 69-91 maio-agosto 2016.

TWENGEI, Jean M. **IGen**: Por que as crianças superconectadas estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes - e completamente despreparadas para a vida adulta, 1 ed. São Paulo, 2018.